

A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

Marcelo Máximo Purificação
Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Lucineide Maria de Lima Pessoni
(Organizadores)



A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

**Marcelo Máximo Purificação
Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Lucineide Maria de Lima Pessoni
(Organizadores)**

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^a Dr^a Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^a Dr^a Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrááo Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
 Maria Filomena Rodrigues Teixeira
 Lucineide Maria de Lima Pessoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

l61 A interlocução de saberes na antropologia 3 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Maria Filomena Rodrigues Teixeira, Lucineide Maria de Lima Pessoni. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-5706-709-3
 DOI 10.22533/at.ed.093211301

1. Antropologia. 2. Saberes. I. Marcelo Máximo Purificação (Organizador). II. Maria Filomena Rodrigues Teixeira (Organizadora). III. Lucineide Maria de Lima Pessoni (Organizadora). IV. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

“ (...) A vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos” (HAESBAERT, 2004: p.138).

Prezados/as leitores/as, apresentamos a vocês a obra: “A Interlocação de Saberes na Antropologia 3”, organizada a partir da perspectiva dialógica de estudos desenvolvidos por pesquisadores/investigadores do Brasil, Portugal, Moçambique e Uruguai. Uma obra perpassada por temas amplos e alargados dentro do ponto de vista da antropologia e áreas afins, dos quais citamos: etnógrafos, etnicidade, ancestralidade, cultura, comunidade quilombola, consumismo, Estado, gêneros, identidade étnica, dependência química, experiência multissensorial, jovens, mudanças climáticas, natureza, mar, sexo, ontologia tsonga- tumbuluko, recursos naturais, redes locais de cuidado, saber profissional, transexualidade, virada ontológica e etc.

Organizada em treze capítulos, que possibilitam o encontro de saberes, vistos a partir da lupa de artefatos históricos, sociais, culturais e políticos, estabelecendo liames com a antropologia numa perspectiva crítica e reflexiva. Pesquisas elaboradas nessa natureza (crítica/reflexiva) interligando saberes antropológicos, têm grande potencial de (des/re) territorialização de novos saberes, como bem afirma Rogério Haesbaert (2004)¹ Esses novos saberes, vistos pelo viés da antropologia reverberam discussões que podem colaborar para conhecimentos limítrofes às racionalidades, as sociedades e as culturas. Isto dito, desejamos a todos/as, uma boa leitura. Que os textos, contidos nesta obra, possam possibilitar a vocês leitores/as movimentos reflexivos constantes e novos conhecimentos.

Dr. Marcelo Máximo Purificação
Dra. Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Dra. Lucineide Maria de Lima Pessoni

¹ HAESBAERT, Rogério (2004): O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à Multiterritorialidad.: Bertrand Brasil. Anteriormente citado na epígrafe dessa sessão.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONSTRUIR SABER PROFISSIONAL DE TERRENO COM JOVENS ETNÓGRAFOS SOCIAIS Telmo H. Caria DOI 10.22533/at.ed.0932113011	
CAPÍTULO 2	8
DIÁLOGO ENTRE ANCESTRALIDADE FEMININA, SÍMBOLOS E ETNICIDADES Viviane Sales Oliveira Marise de Santana DOI 10.22533/at.ed.0932113012	
CAPÍTULO 3	20
“É MUITA FALTA DE IMAGINAÇÃO”: UMA REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA SOBRE A (NEO)MATERIALIZAÇÃO DO SEXO E DO ESTADO A PARTIR DE PROCESSOS JURÍDICOS DE RETIFICAÇÃO DE NOME CIVIL E DE GÊNERO EM PORTO ALEGRE/RS Lucas Riboli Besen DOI 10.22533/at.ed.0932113013	
CAPÍTULO 4	40
APLICANDO A VIRADA ONTOLÓGICA NA GOVERNANÇA CLIMÁTICA: O CASO DA AMAZÔNIA Fronika Claziena Agatha de Wit DOI 10.22533/at.ed.0932113014	
CAPÍTULO 5	52
EMBATE ONTOLÓGICO ENTRE A INSTITUIÇÃO MÉDICA EM MOÇAMBIQUE E AS PRÁTICAS DE CURA TSONGA Nosta da Graça Mandlate DOI 10.22533/at.ed.0932113015	
CAPÍTULO 6	64
ETNOGRAFIA: A PESQUISA DE CAMPO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS- SALGUEIRO/PE Maria Jorge dos Santos Leite DOI 10.22533/at.ed.0932113016	
CAPÍTULO 7	77
HABITANDO LA COSTA Y EL MAR: UN ESTUDIO SOBRE MARITIMIDADES EN EL ESTE DE URUGUAY Leticia D'Ambrosio Camarero DOI 10.22533/at.ed.0932113017	
CAPÍTULO 8	97
INTERFACES ENTRE GÊNERO E DEPENDÊNCIA QUÍMICA: TRAJETÓRIAS	

MASCULINAS

Janine Targino

DOI 10.22533/at.ed.0932113018

CAPÍTULO 9..... 112

“MENINO VESTE AZUL, MENINA VESTE ROSA”: GÊNERO E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Juliana Abonizio

Eveline dos Santos Teixeira Baltistella

Susana Gonçalves Costa

DOI 10.22533/at.ed.0932113019

CAPÍTULO 10..... 124

NATUREZA E CULTURA: DO AUSTRALOPITHECUS AO HOMO SAPIENS SAPIENS E AO “HOMO CRETINENSIS”

Nuno Manuel dos Santos Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.09321130110

CAPÍTULO 11 139

REDUCCIONISMO CONSUMISTA: ANTROPOLOGIA EM RISCO

Manoel Cambuim de Lima

Jacir Alfonso Zanatta

DOI 10.22533/at.ed.09321130111

CAPÍTULO 12..... 152

ENVELHECIMENTO E DOENÇAS CRÓNICAS: DAS VULNERABILIDADES À FRAGILIDADE

Marta Maia

Oswaldo Matavel

DOI 10.22533/at.ed.09321130112

CAPÍTULO 13..... 158

ESTIGMA, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA. MULHERES QUE VIVEM COM VIH NA CIDADE DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE

Oswaldo Matavel

Marta Maia

DOI 10.22533/at.ed.09321130113

SOBRE OS ORGANIZADORES 165

ÍNDICE REMISSIVO..... 167

CAPÍTULO 6

ETNOGRAFIA: A PESQUISA DE CAMPO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS- SALGUEIRO/PE

Data de aceite: 04/01/2021

Maria Jorge dos Santos Leite

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Universidade de Pernambuco (UPE)

ORCID: 0000-0001-5655-1184

RESUMO: A pesquisa de campo é um trabalho realizado diretamente com a população pesquisada, impondo ao pesquisador a necessidade de adentrar os espaços onde os fenômenos ocorrem, em busca de informações a serem documentadas. Neste trabalho, descrevo a trajetória de uma pesquisa de campo, de caráter etnográfico, que desenvolvi na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, interior de Pernambuco. O objetivo é disponibilizar aos pesquisadores iniciantes, na perspectiva etnográfica, um relato das minhas atividades práticas, demonstrando que, além de utilizar-se de diferentes procedimentos metodológicos, essa atividade exige criatividade, disciplina, organização e modéstia. Trata-se de um artigo qualitativo e descritivo, abordando os principais momentos vividos no campo e a metodologia utilizada na coleta de informações.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa de campo, etnografia, comunidade quilombola.

ETHNOGRAPHY: THE FIELD RESEARCH IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS IN SALGUEIRO/PE

ABSTRACT: The field research is a work realized in direct contact with the researched population, imposing the need, to the researcher to penetrate the space where the phenomena happen, in search of information to be documented. In this article is described the trajectory of a field research, of ethnographic nature, that was developed in the quilombola community of Conceição das Crioulas, in the inlands of Pernambuco. The emphasis of the following article will be my PhD research (2008-2012). The goal is to make available to initiating researchers a ethnographic perspective, an account of my practical activities, demonstrating that, besides using different methodological procedures, this activity demands creativity, discipline, organization and modesty. What follows is a qualitative and descriptive article, approaching the main moments lived in the field and the utilized methodology in data collection.

KEYWORDS: Field research, ethnography, quilombola community

INTRODUÇÃO

Há quase vinte anos venho desenvolvendo pesquisas de campo, de caráter etnográfico, na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, no interior de Pernambuco. Essa atividade constitui-se num processo quase contínuo -marcado apenas por

breves interrupções- cuja trajetória pode ser dividida nas seguintes etapas: 2000- 2001, momento da coleta de dados empíricos para a dissertação de mestrado em Sociologia na Universidade Federal do Ceará(2001); 2002-2007, participação em eventos, realização de aulas de campos e visitas técnicas com alunos de graduação na comunidade, sem pesquisa formalizada; 2008-2012, retomada da coleta dados para elaboração da tese de doutoramento em Educação, na mesma universidade (2012); 2013- 2015, um breve afastamento com apenas uma visita à comunidade nesse período; de 2016 a 2019, reaproximação da comunidade e seus sujeitos, agora como professora pesquisadora da Universidade de Pernambuco, interessada na produção de novos conhecimentos e orientação de alunos na iniciação científica. No entanto, este trabalho abrangeu apenas o período da pesquisa de 2008 a 2012.

Nesse percurso metodológico, em busca de informações consistentes que respondessem as minhas questões de pesquisa, tendo como objetivo analisar como ocorre a constituição do sujeito coletivo movimento social quilombola na luta por direitos na comunidade de Conceição das Crioulas, optei por utilizar o método etnográfico, por esse possibilitar-me a investigação *in loco* do cotidiano vivido pelos sujeitos, evitando, assim, o risco de que a distância não pudesse ter uma percepção mais aproximada das vivências, interações, história e culturas existentes na comunidade. A etnografia dos territórios e populações tradicionais, como as quilombolas, faz parte de um movimento de conscientização das diversidades socioespaciais e culturais do mundo. Etnografar essas populações é ir além da escrita densa de seus costumes; é fazer ecoar suas vozes e tornar pública suas formas de existência.

A comunidade quilombola de Conceição das Crioulas constitui-se no 2º distrito de Salgueiro, município localizado no semiárido pernambucano, distante 550 quilômetros da capital, Recife. Seu território é habitado por aproximadamente 750 famílias distribuídas por duas vilas: Conceição e União das Crioulas, e mais 16 núcleos populacionais, denominados como sítios.

De acordo com o mito fundador transmitido de geração em geração, essa comunidade foi fundada há mais de 200 anos, quando teriam chegado à localidade seis mulheres negras, as quais ficaram conhecidas como as “seis crioulas”. A história oral não faz menção à condição dessas mulheres, se eram escravas fugitivas de algum domínio senhorial, ou se negras libertas; mas, é enfática ao afirmar que essas mulheres arrendaram uma área de terra equivalente a três léguas em quadra, desenvolveram ali um plantio de algodão cujas fibras eram transformadas em fios e vendidos na cidade de Flores, Sertão do Pajeú em Pernambucano.

Com a renda proveniente dessa atividade, as seis crioulas teriam comprado as terras das quais eram arrendatárias, ainda em 1802. Conforme as crenças locais, além de seus esforços braçais, a compra dessas terras tornara-se possível devido a uma promessa que fizeram à Nossa Senhora da Conceição, com o seguinte propósito: caso conseguissem

comprar as terras nas quais trabalhavam, ergueriam uma igreja em homenagem à santa católica. A “graça” fora alcançada e a igreja edificada, dando origem à comunidade que recebera o nome Conceição das Crioulas em homenagem à santa e às próprias negras, as seis crioulas.

Considerando-se descendentes dessas seis crioulas, escravas fugitivas, ou negras libertas, os habitantes de Conceição das Crioulas empreenderam, a partir de 1987, um processo de mobilização interno em busca de evidências históricas (documentais ou relatos orais) e traços culturais que lhes conferissem uma identidade quilombola. Iniciava-se, a partir daquele momento, uma série de ações que levariam à organização de um movimento social quilombola nessa comunidade (LEITE 2012).

Com a instituição o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias-ADCT, da Constituição Federal de 1988, o qual estabelece: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos”, ganhou força em Conceição das Crioulas uma organização social e política em torno da luta pelo reconhecimento dessa comunidade como quilombola e o acesso à terra em conformidade com o referido artigo. Conceição foi reconhecida como quilombola em 1998, suas terras foram tituladas em 2000, embora grande parte da área considerada quilombola esteja ainda sob domínio de fazendeiros da região, com os quais os quilombolas vivem em constantes conflitos.

Objetivando compreender como essa organização social e política surgida na década de 1980 em Conceição das Crioulas transformou a comunidade num sujeito coletivo de direito (SADER, 1988), enfatizando o papel da escola enquanto campo político (BOURDIEU, 2000) nesse processo, realizei na localidade minha pesquisa de doutorado. A narrativa de momentos importantes do trabalho de campo e a descrição dos procedimentos metodológicos dessa pesquisa constituem a base desse trabalho.

A PESQUISA ETNOGRÁFICA: RELATO DE UM PERCURSO

O método etnográfico emerge inicialmente do ramo da Antropologia que utilizava-o em pesquisas cujos objetivos eram a compreensão das culturas desconhecidas. Leite (2016), ao se reportar à pesquisa etnográfica, informa-nos que ela “surge no cenário da antropologia nas primeiras décadas do século XX, quando teve fim a repartição de tarefas entre o observador, que desempenhava o papel subalterno de provedor de informações e o pesquisador erudito, que analisava e interpretava essa informação” (LEITE, 2016, p. 23).

Durante muito tempo as técnicas etnográficas eram utilizadas exclusivamente por antropólogos e sociólogos. A partir da década de 1970, os pesquisadores em educação começaram a utilizá-las dando origem a uma nova linha em pesquisas, a etnográfica. No entanto, “o uso da etnografia em educação deve envolver uma preocupação em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo” (LUDKE e ANDRÉ, 2015,

p. 15), da mesma forma que as pesquisas sobre a escola devem ir além do espaço escolar, considerando o que é aprendido fora dele.

Na prática, a etnografia é um contínuo movimento de reelaboração do vivido, é transcrição de documentos, descrição densa de espaços, hábitos, costumes, vivências, e interpretação de significados. Com essa compreensão descrevo aqui importantes momentos do trabalho de campo realizado em Conceição das Crioulas, utilizando a perspectiva etnográfica. Esse percurso fez-se por meio de diferentes recursos metodológicos, um deles foi a observação participante, primeira técnica utilizada na pesquisa de doutorado.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante é essencial num trabalho de campo de caráter etnográfico por auxiliar o pesquisador na compreensão da realidade estudada. Nessa técnica o pesquisador torna-se parte da realidade pesquisada, interagindo por longas horas com os sujeitos, buscando partilhar seu cotidiano e compreender o significado de suas ações. Nessa perspectiva, descrevo um dos momentos em que me utilizei dessa técnica.

Cheguei na vila de Conceição das Crioulas às nove horas da manhã, daquele dia quatorze de agosto de 2009. Era dia de festa em homenagem a Nossa Senhora Assunção, a vila estava com uma aparência diferente do seu cotidiano. Logo na entrada, bonecos-sanfoneiros gigantes, construídos de isopor, davam as boas-vindas aos visitantes; barracas de comidas típicas e de jogos contornavam a praça, enquanto homens trabalhavam na montagem de um palco onde se apresentariam bandas musicais logo mais à noite. Mais adiante, um ônibus de turismo estava parado em frente à Casa Comunitária Francisca Ferreira, onde havia uma grande movimentação fora e no seu interior.

Ao conversar com duas artesãs que expunham seus artesanatos na pequena loja numa das salas da casa, fiquei sabendo que aquelas pessoas que circulavam no interior e ao redor da casa pertenciam aos grupos culturais musicais vindos de Olinda e Recife, especialmente para fazer apresentações naquele momento festivo. Havia ainda muitas pessoas negras, moças com penteados afro e rapazes usando rastafári. Eram visitantes de outras comunidades quilombolas da região que estavam ali para participar de um encontro com os quilombolas locais, no qual discutiriam políticas estratégicas para as comunidades quilombolas. Além destes, havia ainda um grupo de portugueses, pertencentes a uma Organização Não-Governamental(ONG) chamada “Identities” que estava ali visitando a comunidade.

Percebi, então, que havia outros eventos paralelos às festividades religiosas. Todas essas informações me fizeram perceber que aquele seria um momento riquíssimo para iniciar uma pesquisa qualitativa, de caráter etnográfico, conforme minha intenção. Era um momento em que um universo de significados poderiam ser captados através das falas, expressões, gestos, atitudes e explicitação de crenças e valores. Assim, poderia conhecer,

também melhor, o espaço em que vivem e viver o tempo vivido pelos pesquisados.

Entretanto, eu precisava encontrar as pessoas com as quais havia feito contato e acertado a minha visita à comunidade: Aparecida Mendes, Antônio Mendes e Márcia Jucilene. Os dois primeiros são integrantes da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), principal entidade política do movimento e a última era a então diretora da Escola José Nel de Carvalho, localizada na comunidade.

Ao encontrar as tão esperadas lideranças: Aparecida, Antônio e Márcia, disseram-me que não tinham muito tempo para conversar comigo, pois estavam ocupados com os eventos. Por essa razão, desisti de entrevistá-los formalmente e, nesse momento, tivemos apenas uma conversa informal que, apesar do exíguo tempo, trouxeram-me informações valiosíssimas. Estavam com pressa, era quase meio dia e o encontro que havia sido marcado para dez horas deveria começar imediatamente. Na oportunidade me convidaram para participar dele e, em seguida, almoçar junto com todos os participantes na Casa Comunitária.

O encontro realizou-se numa espécie de auditório bastante amplo onde costumeiramente os quilombolas se reúnem. Mas essa não é a única finalidade do espaço. Naquela ocasião, funcionava ali o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). As inscrições nos cartazes das paredes indicavam o tipo de trabalho que se desenvolvia naquele espaço: frases expressando boas maneiras, contra a discriminação racial, além de homenagens aos pais pela recente passagem do dia dos pais.

O local estava bastante acolhedor, muitas cadeiras organizadas em forma de círculo indicavam que o encontro teria uma grande participação. Mas não foi isso que aconteceu. A presença de poucas pessoas levou-nos a reorganizar o círculo, de forma que ficássemos mais próximos uns dos outros. Não podia faltar a presença das três lideranças citadas: Aparecida, Antônio e Márcia. A primeira coordenou o encontro e teve maior participação nas falas. Para minha surpresa não havia ali uma grande presença dos quilombolas. Além das lideranças, encontravam-se apenas alguns rapazes, poucas moças e ausência total de pessoas de mais idade. Talvez pelo fato de o encontro está acontecendo justamente naquele momento festivo. Por outro lado, os visitantes eram presença absoluta. Encontravam-se ali as comunidades quilombolas visitantes, os grupos culturais vindos de Olinda e Recife, os portugueses e eu. Após a abertura do encontro, coordenado por Aparecida, veio a dinâmica inicial: todos abraçados em círculo falamos algumas palavras positivas: solidariedade, construção, sabedoria, força, aprendizagem, luta, coragem, paz, amor, ... Em seguida foi solicitado pela coordenadora que beijássemos o vizinho da direita e depois o da esquerda. Os comentários sobre a dinâmica fizeram menção ao comportamento dos homens na hora do beijo. Apesar de todos terem beijado seus vizinhos fizeram-no com um certo constrangimento, quando esses também eram homens, mostrando assim, que mesmo num grupo de pessoas que possuem certa politização o machismo e o preconceito ainda não estão superados.

Ainda com todos de pé, Aparecida pediu que dessem um passo aqueles que sentiam-se negros, em seguida quem já sofreu discriminação, quem já discriminou; quem já teve o acesso negado em relação à moradia, à terra, à escola e assim por diante. Quase todos os participantes confirmaram com passos já terem vivido uma ou outra situação. Após breve comentário feito pela coordenadora, esta pediu que todos sentássemos para dar início ao evento. Antes de começar o encontro propriamente dito lembrei que as pesquisas qualitativas, como a minha,

São caracteristicamente multimetodológicas, isto é usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados. Podemos dizer, entretanto, que observação (participante ou não), a entrevista em profundidade e a análise de documentos são os mais utilizados, embora complementados por outras técnicas (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDERG, 2004, p.163).

Naquele momento, minha pretensão metodológica era pôr em prática a técnica da observação participante que poderia ser complementada por outras formas de coleta de dados. Assim, apresentei-me para o grupo e falei de minhas intenções de pesquisa. Em seguida, com a autorização previamente concedida pelas lideranças do movimento, liguei o aparelho de gravação e também comecei a anotar no meu diário de campo todos os gestos, comportamentos e ações que não eram captados pelo gravador, considerando que “a observação dos fatos, comportamentos e cenários é extremamente valorizada pelas pesquisas qualitativas” (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDERG, 2004, p.164), de caráter etnográfico.

Iniciando oficialmente o encontro, as primeiras palavras de Aparecida foram para comunicar aos participantes que ali iriam tratar de questões como identidade, legislação, educação, discriminação e territorialidade dos quilombolas. Na verdade, todas essas questões foram contempladas dentro de uma rápida descrição do movimento feita por ela e pelos outros dois líderes. Naquele momento, eles passaram para mim e para os outros visitantes uma breve “radiografia” do movimentos social quilombola de Conceição das Crioulas. A participação de outros membros da comunidade foi muito reduzida. Além do jovem Adalmir que estava filmando o evento e, de vez em quando, parava para fazer alguma intervenção, apenas outros dois jovens cujos nomes não os anotei tiveram uma pequena participação nas discussões. Ao contrário, os integrantes das comunidades quilombolas convidadas frequentemente solicitavam a palavra para reforçar as mesmas questões tratadas pelos coordenadores do evento, enquanto os demais convidados, com menos frequência, intervinham para pedir esclarecimentos sobre algo que não tinham compreendido muito bem.

Limitei-me, no entanto, a ouvir, anotar e observar atitudes e comportamentos dignos de análise, considerando que a importância da técnica de observação participante “reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são

obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real” (CRUZ NETO, 1994, pp. 59-60). No curto espaço de tempo que durou o encontro - das 11:45 às 14:00 horas - informações bastante relevantes para minha pesquisa foram oferecidas.

Ao final do encontro, os grupos musicais “Afoxé alafin oyó” e “Bongar”, de Olinda Pernambuco, mostraram um pouco de seus talentos artísticos fazendo uma breve apresentação para os participantes do evento, finalizando com o “samba de roda”, uma dança de origem africana. Saímos dali – já por volta das 15:00 horas- todos juntos em direção à Casa Comunitária onde fora servido o almoço coletivo. Esse foi um momento bastante descontraído em que os grupos presentes procuravam conhecer melhor uns aos outros. Terminado o momento do almoço, conversei brevemente com Aparecida e Márcia, que me passaram mais algumas informações, e combinamos o meu posterior retorno àquela comunidade, desta vez para ficar alguns dias entre eles. Despedi-me, pois já era bastante tarde e tinha que voltar naquele mesmo dia, afinal, o objetivo, naquele momento, era mesmo participar do evento.

No percurso da pesquisa utilizei diferentes instrumentos metodológicos, além da observação participante utilizei-me dos recursos da história oral/história de vida e a entrevista. Por sua natureza interativa, a entrevista trata de temas complexos que dificilmente podem ser investigados com profundidade através de questionários. Assim, ela é a principal técnica de coleta de dados e pode ser parte integrante da observação participante. Pretendi, a princípio, realizar entrevistas estruturadas e não estruturadas, mas logo percebi que a primeira modalidade deixava os entrevistados um pouco inibidos e propensos a darem respostas evasivas, principalmente quando se tratava de pessoas de mais idade.

Mudando de estratégias, passei a utilizar as entrevistas semi-estruturadas e não estruturadas, sobretudo as últimas. Percebi, então, uma mudança de comportamento dos entrevistados, os quais passaram a se sentir mais valorizados em saber que podiam contribuir, de alguma forma, com a produção do conhecimento, já que nessa modalidade de entrevista “o pesquisador supõe que pouco ou nada conhece do assunto em pauta e sua função é ouvir e entender” (MOREIRA, 2002, p. 55).

As entrevistas em pesquisas qualitativas dispensam estruturamento e fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidos para as perguntas, assemelhando-se muito com uma conversa. No entanto, um roteiro que pontuava questões que necessitavam ser abordadas orientou as “conversas” realizadas. Assim, foi através dessas “conversas” que obtive das lideranças do movimento e das pessoas idosas de Conceição das Crioulas as informações necessária para minha pesquisa.

Com as lideranças da comunidade, a princípio, sempre iniciava as entrevistas introduzindo as questões relacionadas ao tema de pesquisa pedindo aos entrevistados que falassem um pouco sobre elas, eventualmente inserindo alguns tópicos de meu

interesse. Quando sentia-me contemplada com as respostas, passava a fazer perguntas mais específicas, deixando os entrevistados à vontade para responderem em seus próprios termos.

Com as pessoas mais idosas fiz uso da modalidade história oral, motivando-as a falarem sobre um evento ou período histórico como, por exemplo, a história das “seis crioulas”, momentos em que os recursos da oralidade sempre apareceram, pois, geralmente, começavam suas narrativas dizendo: “contam os mais velhos que naquele tempo”(…).

Considero fundamental a potencialidade da história oral, cuja força de qualquer história metodologicamente competente vem da extensão e da inteligência com que muitos tipos de fontes são aproveitados para operar em harmonia (PRINS, 1992). Da mesma forma que Prins, parto do entendimento de que tudo que se narra oralmente é história. Quando uma pessoa relata suas lembranças contidas na memória, ela o faz a partir do presente. Nessa operação, ressemantiza as experiências vividas, revive emoções, conta histórias de vida guardadas na memória, preservadas do esquecimento.

A história oral tem como vantagem permitir dar voz àqueles que não se expressam no registro escrito. Ela é também “ um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também conhecida como história viva (MEIHY 2002, p.17). Trata-se de um recurso associado à observação participante, bastante utilizado nas pesquisas etnográficas.

A etnografia tem como característica focar o comportamento social no cenário, confiando em dados qualitativos, em que as observações são feitas no contexto da totalidade das interações humanas. Dessa forma, a observação participante é indispensável ao percurso etnográfico do pesquisador (MOREIRA E CALEFFE (2006).

Na técnica de “observação participante”, o pesquisador torna-se parte da situação observada, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 166). Destarte, no meu percurso etnográfico na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, foi fundamental a observação dos seguintes espaços/momentos: a discussão política (cursos, encontros e reuniões de associações); a produção das condições materiais de sobrevivência: produção do artesanato, cultivo da terra e criação de animais; os rituais religiosos: “renovações”, novenas, festas da padroeira, missas, cultos evangélicos; os eventos culturais: shows, danças do coco, trancelim e outras; a convivência familiar e social: aniversários, encontros na praça; enfim, o cotidiano da comunidade: o preparo dos alimentos, a lavagem de roupa nos açudes e caldeirões, a lata d`água na cabeça.

Todos esses momentos me possibilitaram interpretar, da melhor forma possível, os significados atribuídos pelos sujeitos pesquisados às suas ações, seus valores e suas crenças. Percebi, por exemplo, que os eventos políticos de Conceição das

Crioulas são também momentos de aprendizado. É aqui que lideranças como Aparecida Mendes, Andreilino Mendes, Adalmir José e outros, que têm uma inserção política fora da comunidade, através de viagens, cursos e participação em congressos, socializam o aprendizado adquirido com os demais membros da comunidade, o que se traduz num efeito multiplicador.

Foi também a observação participante que me possibilitou compreender a importância que os quilombolas atribuem aos rituais católicos, por estes de uma certa forma estarem presentes na comunidade desde sua fundação, ao mesmo tempo em que se preocupam em recuperar os valores culturais e religiosos africanos para construir uma identidade afrobrasileira para o grupo.

Percebi, ainda, que a produção da vida econômica, a partir da agricultura, criação de animais e do artesanato, passou por um processo de resignificação no decorrer de meu percurso etnográfico. A economia local que há algum tempo representava apenas meios de subsistência para a população, passou a fazer parte das alternativas engendradas pelo momento social encabeçado pela comunidade em resposta à hegemonia econômica imposta pelo capitalismo global. Assim, a economia ganhou um viés político ao se apresentar como um caminho, uma das principais vias alternativas para o alcance da inserção social e da diminuição das desigualdades econômicas reveladas pela globalização.

Reconheço que essa não é uma singularidade de Conceição das Crioulas. Existem “Alternativas à globalização neoliberal e ao capitalismo global produzidos pelos movimentos sociais e pelas organizações não governamentais na sua luta contra a exclusão social e a discriminação em diferentes domínios sociais e em diferentes países” (SANTOS, 2010, p. 93). Mas, é importante ressaltar que tanto no caso em estudo como em outros, a resignificação das atividades econômicas tem ganhado muita importância política.

Ademais, o que parece ser simplesmente vida cotidiana em Conceição das Crioulas, passou a ter significado político a partir do momento em que a população se percebeu vítima de ações políticas desastrosas dos governantes. Assim, quando as pessoas, principalmente as mulheres, estão carregando latas d'água na cabeça para o uso pessoal e doméstico, o fazem conscientes de que aquela situação, longe de ser uma questão natural, é uma consequência dessas ações que culmina com a negação de direitos de grupos populacionais que vivem à margem do poder.

A PESQUISA DOCUMENTAL

Além das técnicas já mencionadas, e complementar a estas, realizei uma pesquisa documental. O uso de documentos em pesquisa é uma técnica apreciada e valorizada nas ciências sociais e na pesquisa em educação graças à riqueza de informações que deles podemos extrair, além de resgatar e ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Considero importante a pesquisa documental porque com ela podemos “conversar” com os mortos, ouvir suas vozes e reconstituir “mundos” passados. Pois, através dos documentos, “pode-se ter o privilégio de auscultar almas mortas e avaliar as sociedades por elas habitadas” (DARNTON, 1987,p.7). Dessa forma, documentos diversos foram utilizados na pesquisa: monografias, dissertações de mestrado, relatórios antropológicos, material de apoio ao movimento quilombola, leis, jornais, fotografias, atas de reuniões, lápides, vídeos.

Na categoria jornal utilizei, principalmente, os exemplares do “Crioulas: a voz da resistência: uma publicação trimestral da própria comunidade de Conceição das Crioulas, através da AQCC.

Considero importante a análise documental porque ela permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social e favorecer a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros (CELLARD, 2008). Essa técnica pode ser a única fonte de dados quando alguns sujeitos envolvidos na situação estudada não podem mais ser encontrados.

A pesquisa documental assemelha-se à pesquisa bibliográfica, porque tanto uma como a outra, têm o documento como objeto de investigação. E, diferenciam-se, pois, pela natureza das fontes utilizadas por ambas. Enquanto a pesquisa bibliográfica faz uso das diversas contribuições dos autores, a pesquisa documental recorre a diversos materiais que não receberam tratamento analítico. Nessa categoria estão os documentos conservados em arquivos das instituições públicas ou privadas, bibliotecas, museus, associações, sindicatos, Igrejas, escolas e sedes de partidos políticos, entre outros. Incluem-se na mesma categoria, outros documentos como cartas pessoais, agendas, ofícios, memorandos, regulamentos e outros.

Além dessas diferenças, o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres. Esses documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador (FIGUEIREDO, 2007).

No percurso da pesquisa documental, foram importantes as minhas visitas a alguns espaços da comunidade, como Biblioteca Afro-indígena – atende a comunidade quilombola e a vizinha indígena-, e à sede da AQCC. Nesses dois locais encontrei quase todos os documentos acima relacionados, muitos deles presentes em ambos. Observei, portanto, que a biblioteca da comunidade de Conceição das Crioulas, fundada em 2006, ainda é muito carente de acervo bibliográfico. Além da documentação que analisei, e de uma quantidade razoável de livros didáticos, existem apenas alguns títulos com temas voltados para o movimento negro e, pouquíssima quantidade, títulos que tratam da questão indígena, publicados por autores diversos.

Na manhã de vinte e sete de janeiro de dois mil e dez, enquanto eu consultava a documentação de interesse de minha pesquisa, percebi que, apesar do nome dessa biblioteca ser “Afro-indígena”, os títulos abordando o tema indígena são quase inexistentes. Em conversa com a funcionária em expediente na ocasião, esta lamentou não ter maiores informações, pois não era funcionária efetiva da instituição, estava ali apenas para “fazer favor a uma amiga que precisou viajar”. No entanto, me explicou: “a biblioteca era pensada apenas para atender as escolas da comunidade, mas como a gente fica na divisa do território indígena e as nossas escolas também atendem às crianças índias, aí a biblioteca passou a atender os dois públicos: negros e índios”.

Na sede da AQCC existe uma sala, geralmente utilizada para as reuniões das coordenações do movimento, com estantes que comportam um acervo bibliográfico semelhante ao da biblioteca, talvez com uma quantidade maior de títulos. No entanto, a grande riqueza documental encontra-se nos arquivos da entidade guardados em armários e fichários. São atas, regulamentos, regimentos, ofícios, fotografias, diários oficiais e recortes de diversos jornais que publicaram reportagens sobre a comunidade, ou com temas de interesse da mesma. São documentos aos quais tive acesso nas diversas vezes em que visitei o local.

As lápides(epitáfios) - que me foram úteis para a comprovação de algumas datas de nascimento ou morte de lideranças da comunidade, ou de fazendeiros- encontrei-as nos jazigos do cemitério da vila de Conceição das Crioulas e na sacristia da Igreja. Essa etapa da pesquisa foi particularmente interessante pois não entendi, a princípio, porque ali sepultavam-se pessoas separadamente. Em conversa com Aparecida Mendes dentro da igreja, em vinte e seis de janeiro de dois mil e dez, ela me explicou que por um longo tempo, a igreja teria servido de mausoléu para os “fazendeiros brancos” da região e familiares seus. “Eles foram sepultados aqui por que eram considerados pessoas especiais”, afirmou a quilombola. Então, nessas condições seriam venerados nas festas religiosas católicas. Mas houve “uma época” em que os negros não mais permitiram que continuasse existindo esse privilégio para “os brancos e ricos”; então, todos passaram a ser sepultados no cemitério.

Os dados coletados *in loco* foram analisados em diálogo com a literatura acerca das temáticas da pesquisa, pois “o conhecimento da literatura pertinente ao problema que nos interessa como relato de pesquisa, teorias utilizadas para explicá-lo é indispensável para identificar ou definir com mais precisão os problemas que precisam ser investigados em uma dada área” (ALVES-MAZZOTTI GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 150).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Surgida no cenário da antropologia nas primeiras décadas do século XX, a etnografia é uma técnica de pesquisa adequada a estudos cujos objetos relacionam-se à

territorialidade, como é o caso das comunidades tradicionais quilombolas que têm como elemento identificador a resistência. Uma resistência territorial que emerge de uma forma específica de ver o mundo, sendo o território um lugar de reprodução cultural, de uma cultura inscrita nos seus modos de vida e reproduzida por meio de suas ações, mesmo que não refletidas, no seu cotidiano. Somente na década de 1970, alguns pesquisadores em educação começaram a utilizar as técnicas etnográficas em seus estudos; no entanto, quando aplicada à educação essa perspectiva torna a pesquisa mais complexa, abrangendo todo o contexto cultural que envolve a temática investigada.

Não é fácil fazer etnografia. Um estudo etnográfico consiste num mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana de “Outros”, diferentes do “eu”, ou do “nós”. São esses “Outros” que precisamos apreender e compreendê-los, não com os nossos parâmetros, mas nos próprios termos dos sejeitos. O campo no qual mergulhamos em busca da compreensão dos “Outros”, não nos oferece dados prontos, mas informações que no processo reflexivo transformam-se em dados. Por isso, etnografar exige esforços, paciência, cuidados e humildade para aceitar que temos limitações na compreensão dos significados que os dados nos revelam.

Ao trazer nesse artigo meu percurso de pesquisa utilizando as técnicas etnográficas, busco oferecer aos iniciantes nessa perspectiva, uma reflexão acerca das especificidades nela contidas. Optei por não fazê-lo por meio de uma discussão somente teórica, mas da descrição de momentos importantes de meu percurso etnográfico na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. Aqui são muitos os pesquisadores que já realizaram trabalhos de campo, utilizando a perspectiva etnográfica de pesquisa: Albuquerque e Medeiros(1997); Lima(1997); Santos(2004); Souza(2008); Marques(2009); Leite(2001, 2012, 2016); Silva(2012); Antunes(2016).

Como afirmei inicialmente, são quase 20 anos de trabalho etnográfico. Os dados que o campo de pesquisa me forneceu são a base de vários trabalhos: Dissertação(2001), Capítulo de livro(2011), Tese(2012), Livro(2016), e vários artigos publicados em periódicos científicos e anis de eventos.

Como neste trabalho descrevi a etapa referente à pesquisa de doutorado (2008-2012), tendo como questão principal a compreensão da constituição do sujeito coletivo movimento social quilombola na luta por direitos, devo afirmar que aquele trabalho concluiu que esse sujeito coletivo constitui-se nas próprias ações dos quilombolas e na criação de espaços políticos próprios, denominados “os campos políticos”. É dentro deles que surgem as ações reivindicatórias dos direitos, principalmente direito de acesso à terra, o direito a uma educação específica, cujo projeto nas comunidades quilombolas fundamenta-se no arcabouço jurídico e vai além dele. Os quilombolas defendem a existência de uma escola cuja organização curricular, administrativa e pedagógica esteja pautada na própria história e no modo de vida da comunidade. Assim, Conceição das Crioulas luta para que a ancestralidade, a cultura e os saberes de seu povo sejam transformados em conteúdos

escolares, dando origem a uma concepção de “educação diferenciada”, que há algum tempo vem sendo discutida dentro da comunidade.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método em ciências sociais – pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2004.

BARTES, Roland. **A Câmara clara: notas sobre fotografias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRASIL. (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2006.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org) *et al.* **Pesquisa Social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

DARNTON, Robert. **Boêmia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FIGUEIREDO, N.M.A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. **Movimento Social Quilombola: processos educativos**. Curitiba: Appris, 2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação- abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MOREIRA, H.; CALIFFE, L. G. **Metodologia da Pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: CP&A, 2006.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter. (org) . **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP , 1992.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: Experiências, Falas e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo – para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ancestralidade 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 75

Antropologia 1, 2, 18, 20, 38, 41, 42, 43, 44, 62, 63, 66, 74, 96, 114, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 151, 152, 153, 158

C

Comunidade quilombola 64, 65, 71, 73, 75

Consumismo 139, 140, 147, 148

Consumo 99, 100, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 112, 113, 114, 116, 121, 122, 123, 131, 134, 139, 140, 145, 146, 147, 148, 149

Cultura 10, 12, 15, 18, 19, 29, 40, 42, 43, 44, 47, 57, 75, 76, 81, 96, 102, 114, 116, 118, 123, 124, 125, 126, 128, 135, 136, 142, 143, 146, 147, 148, 150, 151, 160, 165, 166

D

Dependência química 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110

Drogas 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111

E

Estado 6, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 42, 45, 46, 47, 52, 56, 61, 62, 66, 91, 93, 95, 97, 100, 106, 107, 108, 110, 112, 113, 118, 131, 132, 154, 155, 158, 161, 163, 165, 166

Etnicidades 8, 9, 10, 11, 14, 16, 17, 18, 19

Etnógrafos 1, 3

F

Formas simbólicas 8, 9, 10, 15, 18

G

Gênero 9, 20, 21, 22, 24, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 97, 98, 99, 103, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 142, 165

I

Identidade étnica 8, 10, 11, 19

J

Jovens 1, 56, 57, 69, 100, 101, 102, 110, 160, 162

M

Mar 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 110

Mudanças climáticas 40, 41, 42, 44, 45, 48, 49, 59

N

Natureza 3, 6, 10, 12, 21, 25, 29, 35, 40, 42, 43, 44, 47, 57, 58, 70, 73, 116, 117, 118, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 144

O

Ontologia Tsonga-Tumbuluko 52

P

Pesquisa de campo 64, 98

R

Recursos naturais 124, 125, 128, 131, 132, 134, 136

Redes locais de cuidado 52, 57, 58, 59, 60, 61, 62

Reduccionismo 139

S

Saber profissional 1, 2, 7

Sexo 20, 21, 22, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 102, 104, 110, 117, 118, 119, 122

T

Transexualidade 20

V

Virada ontológica 40, 42, 43, 48, 49




A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 